

**Ideologia – um conceito fundante na/da Análise do Discurso –
considerações a partir do texto *Observações para uma teoria geral das
ideologias*, de Thomas Herbert¹**

Márcia DRESCH
UFRGS/UNIJUÍ

Este texto tem como propósito discutir a noção de ideologia, tal como se apresenta no texto tema deste painel², de 1967, e como Pêcheux se posiciona dentro de um contexto marxista, em particular sua filiação às teses de Louis Althusser, e, ainda, como esse conceito se desenvolve nos trabalhos imediatamente posteriores de Pêcheux: 1969³, *Análise Automática Discurso*; 1975⁴, de Pêcheux e Fuchs, *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas*; e 1975⁵, em *Les Vérités de la Palice*. O texto em discussão tem importância histórica, pois nele, conforme salientam em nota os tradutores brasileiros, Pêcheux já esboça algumas noções que serão posteriormente desenvolvidas e irão compor o quadro teórico da Análise do Discurso: *formações ideológicas, posição-sujeito, esquecimentos, metáfora, metonímia, efeitos, discurso*. O conceito de ideologia está ligado a essas noções e também é pressuposto em todas as demais que compõem o edifício teórico deste pensador, uma vez que a AD deslocou-se no sentido de abandonar as perspectivas de estudos lexicológicos sobre o funcionamento da linguagem, sustentados por formalizações das ocorrências de itens lexicais em práticas discursivas, que ainda era uma marca dos trabalhos iniciais, para apoiar, cada vez

¹ Texto apresentado no *I Seminário de Estudos em Análise de Discurso – Michel Pêcheux e Análise de Discurso: uma relação de nunca acabar*, realizado em Porto Alegre, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de 10 a 13 de novembro de 2003.

² O painel no qual este trabalho foi apresentado teve como tema o texto *Observações para uma teoria geral das ideologias*, de Michel Pêcheux, publicado sob o pseudônimo de Thomas Herbert, em 1967.

³ A publicação brasileira é datada de 1990, sob o título *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*.

⁴ Idem nota anterior.

⁵ Publicado no Brasil em 1988, sob o título *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*.

mais, as análises sobre as condições históricas e sociais de produção do discurso, entendendo a ideologia como elemento constitutivo desse processo.

Pêcheux retoma, no seu texto de 1967⁶, um trabalho anterior, publicado em 1966, também sob o pseudônimo de Thomas Herbert, cujo título é *Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da psicologia social (Les Cahiers pour L'Analyse, nº 2, 1966, p. 139-167)*. Naquele trabalho, Pêcheux discute as implicações teóricas e não-teóricas das práticas científicas e da filosofia, distingue práticas *técnica, política, ideológica, teórica e social* (1966, p. 143-144), e passa a operar uma distinção entre dois momentos percorridos por uma ciência: 1º) o da *transformação produtora do objeto*, cuja marca é (nas palavras de Pêcheux) *a inquietude e a aventura* e 2º) o da *reprodução metódica do objeto*, período marcado pela estabilidade (HERBERT, 1966, p. 162). Nos dois textos assinados por Thomas Herbert, Pêcheux discute questões de ordem epistemológica, com especial referência às ciências sociais. No texto de 1967, o autor retoma sua crítica às ciências sociais a partir do que ele identifica como dupla forma de existência da ideologia: as ideologias do tipo A, *produtos derivados da prática técnica empírica*; ideologias do tipo B, como *condições indispensáveis da prática política*, que se realizam *sob forma de combinações variadas, conforme as formações sociais*.

Ao distinguir, no texto de 1966, dois momentos distintos na ciência – de *transformação produtora* e de *reprodução metódica* –, Pêcheux garante a possibilidade de ruptura em relação à ideologia, reservando à ciência o *status* não-ideológico. E aqui se pode fazer referência ao pensamento de Louis Althusser, para quem ideologia e ciência se distinguem pelo fato de a primeira aceitar falsas obviedades, evitando que as questões se mostrem sob outra ótica. O fato de considerar a ideologia como um mecanismo que oculta, que filtra e impede surgirem outras formas de entender a realidade não se constitui no maior problema para a Análise do Discurso, o que se questiona é a postulação desse

⁶ A propósito, Paul Henry (1990), ao apresentar *Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969)*, retoma e analisa os dois textos de Thomas Herbert publicados em *Les cahiers pour l'analyse*.

lugar profilático destinado à ciência. Outra questão que se pode levantar, de certa forma ligada à anterior, na linha da crítica feita a Althusser, pode ser formulada a partir da exposição de Pêcheux sobre as duas formas de resistência ideológica. Pêcheux denomina ideologia do tipo A (técnico-empirista) aquela que se refere ao *processo de produção*, e tem como característica a originalidade, e do tipo B (político especulativa) aquela que mostra a outra face do processo, *as relações sociais de produção*, marcada, pelo contrário, pelo conservadorismo, uma vez que tem por função *produzir e conservar as diferenças necessárias ao funcionamento das relações sociais e de produção nas sociedades de classe* (p. 67). A primeira forma – do tipo A – é, então, uma ideologia propositiva, mas que, logo a seguir, engata na esteira da ideologia reprodutiva, ocupando um lugar e assumindo uma ordem prevista na linearidade da estrutura. E a pergunta a ser formulada é: onde, em tal engrenagem, se processa a contradição? Ou seja: onde entra a perspectiva do materialismo dialético na AD? Essa é a questão que todo o exercício teórico-explanatório de Althusser não consegue resolver, e que Pêcheux também não responde nesse texto. Mas que, à medida em que passa a pensar a questão da ideologia do ponto de vista do funcionamento da linguagem, no campo do discurso, ele acaba por apontar as soluções teóricas, cuja ausência tão caro custou a Althusser.

Althusser, como se sabe, teve sua teoria duramente atacada. Vale lembrar a ironia do título do capítulo III de E.P. Thompson (1981), em *A miséria da teoria*, intitulado “*Mesa, você existe?*”, obra que faz uma longa crítica a Althusser. Crítica contundente vem também de um ex-althusseriano, Jacques Rancière, cuja obra *La lección de Althusser* desconstrói o aparato teórico de sustentação da teoria. Rancière refuta a separação entre ciência e ideologia à qual Althusser se dedicou. Para Rancière, *a relação entre a ciência e a ideologia não é de ruptura* (1974, p. 228). A ideologia, diz ainda, *não é o Outro tenebroso da pura luminosidade científica: é o espaço no qual se inscrevem os conhecimentos científicos e onde estão articulados como elementos de saber próprios de uma formação social* (op. Cit.). Veja-se que, tomando os textos posteriores àqueles assinados por Thomas Herbert, a *Análise do Discurso*, pela própria aproximação com o pensamento de

Foucault e Lacan, acaba por abandonar a proposição althusseriana de segmentação entre ciência e ideologia. Embora a filiação de Pêcheux a Althusser seja evidente e tenha acompanhado os diferentes momentos do desenvolvimento da teoria, Pêcheux, ao estabelecer claramente qual a relação do discurso com a instância ideológica, fez, desde o texto fundador, com que a AD produzisse um consistente aparato teórico-analítico; Althusser tentou fazer isso em *Por Marx e Aparelhos Ideológicos de Estado*, propondo uma teoria da contradição e da sobrederminação, mas sua construção sucumbiu à crítica, uma vez flagradas as lacunas de sua dialética marxista.

Quem se depara com a necessidade de definir ideologia, embora o conceito faça parte dos fundamentos que sustentam o marxismo, toma contato com um dos temas mais controversos em ciências humanas. Há, pode-se dizer, duas grandes linhas conceituais. Na primeira delas, a ideologia é entendida, conforme conceberam Marx e Engels (1986), em *A ideologia alemã*, num sentido negativo, como ilusão, falsa consciência, inversão da realidade, funcionando como mecanismo que distorce e disfarça as contradições sociais. E aqui é necessário que coloquemos a questão à luz do quadro teórico construído na AD, evitando um movimento contrário à própria teoria. A idéia de que os discursos escondem ou mascaram seu verdadeiro significado pode vir a colocar o analista do discurso em um lugar absoluto, capaz de dominar os sentidos e enxergar para além do efeito ideológico. Da mesma forma, pode pressupor que haja o *sentido* e o *sujeito*, atados a uma ordem do real estável, exatamente o contrário do que Pêcheux vai propor como orientação teórica para a disciplina. Se em *Observações para uma teoria geral das ideologias*, ao identificar a dupla forma da ideologia, Pêcheux se alinha a essa perspectiva, também chamada de *significado fraco* de ideologia (cf. BOBBIO et. Al., 1986), isso vai ser esclarecido nos estudos posteriores à medida que a teoria vai tomando forma.

A outra linha conceitual encontra em Lênin, Lukács e Gramsci seus maiores expoentes, e, por oposição, apresenta um sentido positivo, vendo a ideologia como qualquer doutrina vinculada a uma posição de classe. Pêcheux, já no texto de 1967 (p. 82), considera teoricamente impossível entender a ideologia como

'consciência de grupo', uma representação de mundo, um bloco de idéias válidas para uma sociedade ou uma classe, por considerar que se trata de processos que atravessam a formação social de diferentes formas, de modo que esta não se apresenta como um *todo* identificável na estrutura social. Pensar as ideologias como um *bloco* impossibilita que se entenda o que é próprio da estrutura social, ou seja, sua contradição, seus mecanismos de dominação e de resistência; no terreno do discurso, ainda que se desenhem fronteiras, que mais tarde Pêcheux vai identificar como *formações discursivas*, uma das formas materiais de existência da ideologia, a linha é tênue e se redefine nos movimentos do dizer. O que é fundamental e deve ser ressaltado é que Pêcheux traz as condições de produção/reprodução/trans formação do campo das idéias para materialidade discursiva.

Pêcheux nega, também, uma interpretação economicista dos mecanismos ideológicos. Esse entendimento permite, como o fizera Althusser⁷, aproximar-se da teoria marxista não só pela via da determinação econômica, da economia política, mas principalmente pelo materialismo histórico, doutrina que se propõe uma compreensão do processo histórico universal voltado para os *modos de produção*, a própria estrutura da sociedade para Althusser. A simplificação de uma posição econômico-determinista não permitiria compreender as contradições no sistema, o que, embora objeto de crítica, como dissemos, não é levado a cabo por Althusser.

O texto de Pêcheux de 1969⁸, AAD, não retoma o empreendimento de Thomas Herbert; considerado texto fundador da Análise do Discurso, traz, entretanto, a noção de *condições de produção*, fala ainda de *lugares sociais*, de *formações imaginárias* e de *papéis discursivos*, que podem ser pensados também a partir do conceito de ideologia, que vai aparecer de forma sistematizada no

⁷ Louis Althusser nasceu na Birmandreis, Argélia, em 16 de outubro de 1918 e faleceu em 1990. É, ao lado de Michel Foucault, Jacques Derrida, Claude Lévi-Strauss e Roland Barthes, um dos expoentes da corrente filosófica denominada de *Estruturalismo*.

⁸ Trata-se do texto *Análise automática do discurso (AAD-69)*, publicado na obra *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*, organizado por GADET, F. e Hak, T. (1990).

interior da teoria quando Pêcheux e Fuchs (1990)⁹, em 1975, apresentam o quadro epistemológico da AD, articulando três regiões do conhecimento: o materialismo histórico, a lingüística e a teoria do discurso (1990 [1975], p. 163-164). Parece-nos ser esta uma das marcas fundamentais da obra de Pêcheux, na medida em que este texto principia por desatar alguns nós althusserianos.

No texto de 1975, Pêcheux e Fuchs ressaltam que, no materialismo histórico, o que diz respeito à AD é a superestrutura ideológica, bem como sua ligação com o modo de produção que domina uma determinada formação social. Segundo eles, a região da ideologia deve caracterizar-se por uma materialidade específica, que se articula sobre a materialidade econômica, uma vez que aparece como condição para que a base econômica se reproduza (p. 165). A conceito de ideologia é explorado nesse texto, além das noções de *formação ideológica* e *formação discursiva*, pelo viés do sujeito, quando são explicadas as noções de *interpelação* ou *assujeitamento*.

Pêcheux e Fuchs (1975) retomam a noção de FD. Segundo eles, as FDs são componentes das **formações ideológicas** (FI), pois a ideologia tem sua manifestação concreta no discurso. Dito de outra forma, pode-se afirmar que as FDs materializam o ideológico presente nas formações sociais, nas relações do homem com o mundo (Pêcheux E Fuchs, 1975, p. 166).

Voltando ao texto de 1967, Pêcheux traz a discussão para o campo da linguagem, ao explicitar o que vem a ser a *ideologia empírica* e a *ideologia especulativa*. Segundo ele (p.71), a *ideologia empírica* concerne à relação entre um significante e um significado e coloca o homem no lugar de *produtor-distribuidor de significações na superfície da 'realidade'*. A *ideologia especulativa*, por sua vez, articula significantes entre si, desconhecendo essa conexão. A primeira, diz ele, está fascinada pelo problema da realidade à qual o significante deve se ajustar, o que coloca o homem na posição de produtor-distribuidor de significação na superfície dessa realidade. É justamente este homem que etiqueta

⁹ Trata-se do texto *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas* (1975), publicado na obra *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*, organizado por GADET, F. e Hak, T., publicado no Brasil em 1990.

o mundo, *O que conduz o problema da “ancoragem” de significações na realidade*. A segunda forma de ideologia produz um efeito de sociedade e um efeito de linguagem, o que se constitui um problema, uma vez que esses efeitos não são discernidos, porque encobertos. A filiação ao pensamento de Althusser se mantém nos textos posteriores, sobretudo para pensar o estatuto do *sujeito*, onde podemos estabelecer um ponto de contato entre psicanálise e a teoria althusseriana.

A partir da identificação das duas formas de ideologia, Pêcheux enuncia o princípio de dualidade, identificado como as duas formas de funcionamento da ideologia, composto de uma dominância metafórica semântica, e uma dominância metonímica sintática, e aponta, igualmente o princípio da desigualdade, a impossibilidade de colocar a existência de formas A fora da existência de formas B. O processo ideológico seria a combinação do efeito metafórico com o efeito metonímico, o deslocamento de significações que dá ao agente de produção sua posição no processo de produção e é travestido em outra cadeia de significantes, produzindo significações nesse deslocamento.

Em *Les Vérités de la Palice*, Pêcheux (1988)¹⁰ retoma a questão do sujeito e do assujeitamento e dedica uma parte do capítulo II à ideologia, nele esclarecendo os fundamentos de uma teoria materialista do discurso. Entende que a contradição é intrínseca a todo modo de produção baseado numa divisão de classes; assim, a *reprodução/transformação* faz parte de um mesmo processo que atravessa o modo de produção em seu conjunto. Além disso, essas contradições *são constituídas em um momento histórico dado, e para uma formação social dada, pelo conjunto complexo dos aparelhos ideológicos de Estado que essa formação social comporta*. (p. 145)

É baseado em escritos posteriores de Althusser que Pêcheux, nesta obra, desenvolve a noção de luta ideológica de classes, caracterizada por ele como um processo de reprodução-transformação das relações de produção. Salaria a necessidade de inscrever nessa noção a própria marca da contradição de classes que a constitui. (p. 298).

Pêcheux, não obstante sua filiação (fiel) a Althusser, aproxima-se de Foucault e de Lacan. O que vai aproximá-lo de Foucault é a noção de discurso. Para Foucault (2000), o discurso é uma prática que constitui o objeto e a análise não desvenda a universalidade do sentido, mas a rarefação da produção de sentido no interior da sociedade. Da mesma forma, para Pêcheux não existe o *sentido*, não há evidência, não há transparência do sentido. Num primeiro momento, a noção de FD está bastante ligada à proposição de Foucault – a idéia de regularidade. Esse entendimento não permite que se analisem as transformações e conflitos no interior da FD. Pêcheux (1990b) chama a atenção para o fato de que a FD não constitui um espaço fechado, uma vez que ela é atravessada por elementos constituídos no interdiscurso, sob a forma de pré-construídos e discursos transversos. A idéia de uma FD heterogênea é bastante produtiva na teoria, porque permite entender a contradição dentro da própria formação discursiva. Posteriormente, Courtine (1981) aprofunda a questão, apresentando a noção de enunciado dividido, que permite compreender o caráter heterogêneo de uma FD e, sobretudo, o funcionamento da categoria da contradição. Assim, a *formação discursiva* não é mais configurada pela homogeneidade, mas é eminentemente heterogênea, com o peso conferido à contradição de *Remontémons de Foucault a Spinoza*, texto de 1980. Esse deslocamento foi fundamental para compreender as transformações que ocorrem no interior da FD.

Sob o nome de *Análise do Discurso* estão hoje abrigados diferentes estudos com diferentes enfoques, entre eles a *Análise da Conversação*, a *Semiótica*, a *Análise do Discurso* na perspectiva deste trabalho, a *Análise Crítica do Discurso*, etc. Todos rompem, de certa forma, com o pressuposto saussureano do Curso de Lingüística Geral, 1916, que vê na lingüística um estudo sistemático da língua, tomando-a como entidade abstrata e desvinculando-a completamente de seu caráter social e histórico – as exclusões operadas pelo chamado *corte saussureano*. Essas disciplinas têm em comum incorporar a exterioridade no

¹⁰ Texto publicado na França em 1975 e editado no Brasil em 1988 sob o título *Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*.

estudo da língua, mas entendem essa relação de diferentes formas. Há quem entenda a exterioridade como pano de fundo sobre o qual a língua se projeta, há quem a entenda como o contexto das situações enunciativas, ou, ainda, como o contexto enunciativo historicamente determinado, etc. O conceito de ideologia tem maior ou menor importância, dependendo da capacidade da teoria suportar a relação do discurso com os pressupostos do materialismo histórico; estender essa relação a ponto de entendê-la como fundante do discurso, como o faz a AD, é uma opção teórico-política. Como qualquer outra, de orientação ideológica.

Referências Bibliográficas

- ALTHUSSER, L. **Análise crítica da teoria marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- _____. **A favor de Marx**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- _____. Observações sobre uma categoria: “processo sem sujeito nem fim (s)”. In: **Posições - 1**. Rio de Janeiro: Graal, 1978. p. 66-71.
- _____. **Aparelhos ideológicos de estado**. Tradução de José Walter Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. 128p.
- BOBBIO, Norberto et Al. **Dicionário de política**. Tradução Luís Guerreiro Pinto Caçais et. Al. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F. e HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- HERBERT, Thomas. **Reflexions sur la situation thorique des sciences sociales et, specialement, de la psychologie sociale**. Les Cahiers pour L'Analyse, 2, 1966, p. 139-167.
- _____. **Observações para uma teoria geral das ideologias**. Rua, Campinas, 1995, 1: 63-89.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã (Feuerbach)**. Tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1986. 138p.
- PÊCHEUX, Michel (1977). **Remontémonos de Foucault a Spinoza**. Seminário Internacional “El discurso político: teoria y análisis”. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México y Editorial Nueva Imagen, 1980. p.191-199.
- _____. **Semântica e discurso - uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988. 317p.
- _____. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F. e HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1990.

PÊCHEUX, Michel e FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F. e HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1990.

RANCIÈRE, Jacques. **La lección de Althusser**. Buenos Aires: Editorial Galerna, 1974.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.